

SCENAS DRAMATICAS DA POLITICA ACTUAL



REPRISE DOS «DOIS RENEGADOS»



BORGALLO PINHEIRO

OS DOIS ARRENEGADOS



### A GREVE DOS BISPOS E O BISPO DE VIZEU

Os diversos snrs. bispos successivamente convidados a dizer a missa celebrada ha dois dias por alma do finado bispo de Vizeu, recusaram-se, segundo consta, a officiar com tal intenção, fazendo parede para esse fim. Se o snr. bispo de Bragança, de todos o mais debil e, o mais doente se não houvesse prestado á ultima hora, não haveria prelado para encommendar a Deus a alma do fallecido chefe da egreja viziense.

Suas excellencias reverendissimas não quereiam por meio de tal acto comprometter-se com a Curia Romana, em cujo alto conceito o bispo de Vizeu era tido por um dissidente e por um rebelde desde que perante a legação portugueza em Roma elle ousara protestar, indirectamente mas com uma energia que tomou as proporções de um escandalo, contra a infallibilidade papal de Pio ix.

Effectivamente o bispo de Vizeu Antonio Alves Martins era demasiadamente bom, demasiadamente justo e demasiadamente honrado para poder ser considerado pela classe a que pertencia como um perfeito padre.

A sua bella cabeça energica e ironica, á semilhança da de Luthero ou de Rabelais, era grande de mais para que se lhe podesse ajustar com uma precisão completamente orthodoxa uma d'essas mitras talhadas pela medida commun dos microcephalos do servilismo.

Os snrs. prelados que não quizeram rezar por elle andaram sabiamente, porque o ultimo dos bispos de Vizeu foi no mundo alguma cousa diversa do que se chama um confrade de suas excellencias; foi aquillo a que nós outros no seculo chamamos—um homem.

Com um profundo espirito de justiça e de verdade, com solidos rins de luctador, com fortes braços cabelludos de athleta transmontano, impetuoso e alegre, entusiasta e compadecido, elle nascera para alguma coisa mais do que para andar de sege e de batina rôxa por este mundo a digerir ostias e a dar a beijar um cachucho.

E elle foi aquillo para que nasceu.

Teve um temperamento humano e não um temperamento de sacristia. Soube amar e soube ter odio. Soube consolar e soube também resistir. Soube sacrificar-se pelas suas ideias, lutando e batendo-se por ellas sempre que isso foi preciso, já com uma penna na mão já com uma escopeta ao hombro.

Se a bemaventurança não é uma compadrice indigna, em que os padres empregam os seus affilhados lá em cima assim como o snr. Hintze Ribeiro emprega os seus parentes cá em baixo, Antonio Alves Martins não precisa de empenhos de bispos para lá entrar.

Para o descanso eterno de uma alma basta a consciencia de uma convicção.

### A DISPERSÃO DOS GRUPOS NO CHIADO

Desde tempos immemoriaes que o Chiado tem sido sempre a pastagem predilecta da ociosidade lisbonense.

Quinze gerações consecutivas ahi têm contrahido os seus calos, os seus namoros, as suas febres remittentes e os seus reumatismos, bocejando, queimando boquilhas, e dizendo larachas ás senhoras que passam desacompanhadas d'homens com bengala.

Para ahi vae regularmente em cada dia retouçar-se na herva tenra da mexerequice todo o gado social em folga de trabalho, desde os beserros d'ouro do grosso commercio enriquecido e aposentado, até os simples borregos em dieta debilitante dos amanuensados das secretarias.

Ahi se encontra sempre a parte mais caracteristica, a mais curiosa e a mais interessante da população de Lisboa: os seus jornalistas sem jornal, os seus pintores sem pinceis, os seus escriptores sem penna, os seus cavalleiros sem cavallo, os seus capitalistas sem capital e os seus padres sem missas.

É meia cidade que ahi assim estaciona, enfatiada, á espera de que a outra meia faça alguma coisa para a distrahir, para a desaborrecer, para lhe sacudir o somno.

Sae-se agora o snr. Arrobas a querer reformar esta coisa, de collaboração philosophica com o habil Ribeiro, e vem ao Chiado dispersar os grupos e mandar circular a população.

Mas, homemsinho de Deus, para onde quereis vós que a gente circule?



Para dentro das lojas, para o meio dos charutos dos estancos? para entre os bolos das pastelarias? para cima dos camiseiros?!

Se não ha instrucção technica, se não ha aptidões praticas, se não ha trabalho organizado, se não ha movimento de espirito nem movimento de elegancia, para onde diabo se ha de ir se não se fôr para o Chiado?!

O Chiado não é sómente uma rua publica, é uma instituição nacional, é a «caixa de depositos» ao ar livre das desocupações e das desclasificações sociaes n'um mundo em pasmaceira e em ruina.

Se o snr. Arrobas quer olhar para o Chiado com vistas de philosopho, o que sua excellencia tem de fazer é—mobilal-o.

Dar ordens para dispersar é absurdo. A sabedoria pediria pelo contrario que sua excellencia, condensando, mandasse pôr cadeiras.

Nós outros, dissidentes e revolucionarios, podemos á nossa vontade dizer mal do Chiado, hostilisa-lo, ter vontade de lhe botar o fogo, de o arrasar e de lhe deitar sal por cima. O snr. Arrobas, poder constituído, tem obrigação restricta de o amar, de lhe querer bem, de procurar mantel-o, fortalecel-o, utilisal-o.

O Chiado é um instituto publico, concomitante do parlamento, do conselho d'Estado, do exercito permanente, da diplomacia e do patriarchado.

Mobilado elle constituiria uma appetecida sincura a mais, e seria um manancial de novos empregos para collocar os affilhados do Estado e os compadres do snr. Hintze.

Pedimos ao snr. Arrobas, pelas cinco chagas do senso commum, que estude maduramente este assumpto.

Juntamente com uma cadeira a cada freguez, o snr. Arrobas poderia talvez—se o exame da questão assim lh'o aconselhasse—offertar egualmente um regador, uma vassoura e um frasco d'agua de Labarraque.

Animado por esses commodos e instigado por taes dadivas, o publico, considerando-se definitivamente no Chiado como na propria casa, acabaria talvez por sentir em si o desejo secreto de espanar o seu domicilio. E, bem dirigida esta saudavel tendencia, facil de crear e desenvolver, poderia porventura vir a dar em resultado no futuro encarregar-se expontaneamente o publico das obrigações de que o snr. Arrobas pre-

sentemente se esquece, indo nós mesmos, em substituição de sua excellencia e dos seus empregados, varrer então o passeio, regar a rua e desinfecar a sargeta.

Creia o snr. Arrobas que tudo quanto sua excellencia houver de fazer n'este sentido será reforma de sabio. Tudo quanto sua excellencia tem pretendido fazer em sentido contrario é apenas impertinencia de esbirro.

ETC.

Está resolvido—como sabem—que a carta não será reformada por enquanto. Os snrs. deputados acham que ella está muito bem assim. E, pela nossa parte, devemos confessar que, para aquillo em que teriamos de a empregar no nosso uso particular,—quer com reforma, quer sem ella—a nossa opinião a respeito da carta é inteiramente a dos snrs deputados.

Tenha a gente saúdinha e tenha a graça de Deus, que é o que se quer! Emquanto a reformas politicas, a verdadeira reforma—como muito bem pensam os sabios legisladores—é cada um com um bom emprego em sua casa no seio da sua familia!

Parece-nos porém—e ousamos propôr esta lembrança ao snr José Dias Ferreira e aos seus pretos para que suas excellencias a rebolem—que, sem completamente nos abalançarmos á massada de reformar a carta, nós poderíamos applicar-lhe alguns ligeiros retoques, não para a alterar mas para a resumir, com geral vantagem dos contemporaneos e dos prosteros.

No artigo 73, por exemplo, lêmos o seguinte:

*Os seus titulos (do rei) são, Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar, em Africa senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India. Etc.*



MEUS SENHORES



Cá está o homem que tem a faca,



que mata o boi

O GRATO



que bebe agua



que apaga o lume



que queima o pau



que bate no cão



que morde no gato



que papa o rato



que roe o sebo



que unta a corda



que amarra a bota



que leva o povinho a bancarrota.



Tudo esta muito bem n'este lindo artigo 73, assim como em todos os demais artigos em geral d'essa carta tão adorada quanto constitucional...

É certo que, pelo que diz respeito aos *Algarves d'aquem mar*, elles não constituem propriamente um reino addicional; que nada absolutamente os separa geographicamente do resto do paiz; e que portanto o chamar-se el-rei rei do resto e dos Algarves é tão divertida coisa como se depois de tudo aquillo que elle se chama já, se chamasse ainda *Rei das Escadinhas da Barroca*, ou *Rei do Caracol da Graça*, — o que daria apenas uma redundancia igual á que está decretada e jurada com relação dos Algarves d'aquem mar no artigo 73.

Emquanto aos *Algarves d'alem mar*, elles passaram á posse d'extrangeiros, e cessaram por consequencia de pertencer á corôa portugueza.

*Senhor de Guiné* tambem se não entende lá muito bem o que seja, logo que os senhorios deixaram de existir quando acabaram os feudos e quando acabaram os escravos.

Pelo que respeita ao direito da *conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia e Persia*, temos conversado as arabias, — não só as d'este artigo como todas as outras...

A carta realmente parece estar mangando um pouco demais com as tropas, quando nos falla ainda em *conquista* e quando mostra querer reservar em privilegio para o *real galião das quinas* um direito de navegar e de negociar que o dito galião, das quinas, ha muito tempo abdicou no simples patacho *Santo Antonio e Almas*, de Olhão.

Apesar porém dos ligeiros inconvenientes que apontamos, todos os titulos conferidos ao poder moderador pelo artigo 73 nos pareceriam indispensaveis se depois de todos elles nos não apparecesse ainda decretado este ultimo:

*Etcætera*.

Porque lá vem expressa no codigo fundamental da monarchia esta coisa: o rei de Portugal intitula-se por lei — *Etcætera!*

Quem lhe chamar o mais e não lhe chamar *Etcætera*, está na rebellião, na felonía e na protervia.

Mas desde que se lhe chame *Etcætera*, como a lei manda, francamente excusa-se de lhe chamar mais nada.

*Etcætera* de per si só abrange todas as coisas.

*Etcætera* é o universo inteiro, e o mais; é tudo, e o resto.

*Etcætera* comprehende o temporal e o espirital; o visível e o invisível; o real, o figurado, o hypothetico, o calumnioso e o metaphysico; o solido, o liquido, o gazoso e o poetico; o animal, o vegetal, o mineral e o anjo; o finito e o infinito; o presente, o passado e o futuro; o comprehensível, o incomprehensível, o possível e o impossível, o absurdo e o innarrável.

Por consequencia entendemos que, sendo-nos dado dentro dos limites da carta intitular o rei *Etcætera*, é propriamente de estúpidos o pretender dar-lhe qualquer outro titulo além d'esse.

Poderíamos ficar por ahi, e seria inutil *pôr mais na carta*.

\* \* \*

Resumido que estivesse como propomos o artigo relativo aos titulos do poder moderador, sempre que o dito poder fosse chamado a moderar no *Diario do Governo* elle diria de ora ávante:

*Eu D. Luiz por graça de Deus...*

Ou, — como *por graça de Deus* se não sabe o que é, — melhor ainda, e mais correctamente:

*Eu D. Luiz pelo Senhor dos Passos da Graça Etcætera I.*

\* \* \*

Ou laboramos no mais grosseiro dos erros e uma illusão atroz nos desvaira a mente, ou é certo que apenas o snr. José Dias propusesse á camara o resumo que indicamos para o artigo 73, a camara se apressaria desde logo a votal-o com arrebatamento, com fuga.

Dado que mais tarde se viesse a reconhecer que *Etcætera*, contra todas as nossas conjecturas, não era bastante para a decencia, decoro e pompa da corôa, poder-se-hia ainda ampliar



de futuro o *Etcetera* que fosse votado agora, não se tornando depois a fallar mais n'isso, e ficando então o soberano a intitular-se definitivamente e para todo sempre:

*Rei Etcetera... e Tal.*

## OS ATTENTADOS CONTRA A RELIGIÃO

Na sexta-feira ultima, por occasião do tracto da procissão do Senhor dos Passos, dois sujeitos mal encarados, postados em evidencia a uma esquina, conservaram na cabeça os seus chapéus durante a passagem do andôr.

Estes dois phariseus pretendiam não conhecer como Passos mais que dois unicos senhores: o Passos Manoel e o Passos José. Emquanto ao da Graça diziam com timosia revoltante não lhe terem sido apresentados.

O publico catholico notou o facto, e tripudiou de alegria.

Evidentemente, desde que na cidade toda se encontravam apenas dois sujeitos que não são devotos do Senhor dos Passos, a religião não podia ter mais eloquenté nem mais expressiva *réclame*. Alguém chegou mesmo a suppôr que os dois herejes haviam sido assalariados pela irmandade da Graça, para representarem tal papel, e que elles não eram no fundo senão dois anjos da procissão disfarçados de impios, com chapéus de philosophos aparafusados á testa.

Eis senão quando o snr. Arrobas, que parece apostado a estragar tudo quanto seja combinação bem feita, intervem com o seu habitual ardor, agarra os dois anjos, e prega-lhes com os chapéus, com as asas e com o resto dos corpos na cadeia.

De sorte que, para o anno, quando a irmandade quizer um fiel para fazer de impio não o encontrará. Por grande que seja o fervor da crença, ninguém estará mais para se sacrificar pelas sagradas imagens até o ponto de ir por causa d'ellas malhar com o zelo ao fundo de uma masmorra.

E que succederá então? Succederá que quando a procissão tornar a passar, os atheus dirão com sorrisos infernaes:

— Todo esse povo de cabeça descoberta e de dorso inclinado é um povo de indifferentes, que perdeu inteiramente o medo ao diabo, e tira apenas o chapéu com medo ao Arrobas.

E a irmandade, não tendo nem um só impio de chapéu na cabeça para refutar o sophysma, ficará com cara de tola perante esse argumento satânico, mas commovente.

## EXPLICAÇÕES

Diz o *Figaro* d'esta manhã que um empregado da Alfandega chamado *Pires* se acha profundamente offendido com a pequena historia que o *Antonio Maria* referiu a um *Pires d'alfandega* no numero do Carnaval. O *Figaro* acrescenta que o *Pires* aggravado nos vae chamar aos tribunaes por havermos abusado do seu nome, querellando do *Antonio Maria* exactamente como o snr. Duverdy querellou ainda ha pouco em Paris do snr. Zola.

Para que se saiba bem se o *Pires* que querella é effectivamente ou não é o mesmo *Pires* a quem nos referimos, cumpre-nos dar do nosso alguns signaes physionomicos particulares:

Elle é com effeito da alfandega, é baixo, reforçado, tem um gato, está desirmanado da respectiva chicara, e é de louça das Caldas.

Uma vez feita esta franca e expontanea declaração, nada mais nos resta a acrescentar sobre o assumpto.

Iremos sentar-nos quando quizerem no banco dos reus, e aguardaremos, como faccinoras tranquillos e respeitosos, o veredictum da justiça.

Se o *Pires* queixoso é o mesmo *Pires* a quem nos referimos na magnifica composição litteraria que tem de servir de base a este processo, que elle venha!

Folgaremos muito de ver frente a frente esse *Pires*... Quereinos deitar-lhe marmelada.



## ATRAZ DE MIM VIRÁ QUEM BOM ME FARÁ



BORDALLO PINHEIRO

Em anichar parentes nem o Basorra lhe chega á fralda